

COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Heloísa Bárbara Cunha Moizéis ¹
Maria Clara Rocha Machado ²

RESUMO

A presente proposta interventiva teve o intuito de promover o método da Comunicação Não Violenta (CNV) no ambiente escolar. A CNV caracteriza-se como uma abordagem que visa conectar os sujeitos e incentivá-los a se expressarem de maneira clara por meio de quatro elementos: I. a observação; II. a identificação e expressão de sentimentos; III. a expressão das necessidades; e IV. a realização de pedidos. Sabe-se que as escolas enfrentam desafios ao lidar com a violência, desde a prevenção e gestão de conflitos até o apoio emocional e psicológico aos estudantes, o que pode resultar em um ciclo vicioso de retaliações e confrontos. À vista disso, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, realizada em uma escola da rede pública de ensino no Ceará. Participaram, ao todo, 30 estudantes do 9º ano, com idades entre 13 e 14 anos. Este projeto constou de três momentos-chave: 1. a observação institucional, 2. entrevistas semiestruturadas com estudantes e gestores, e 3. atividades interventivas. Vale ressaltar, que as entrevistas auxiliaram a direcionar as intervenções. Foram realizadas três atividades interventivas. No primeiro encontro, foram desenvolvidas oficinas de cartazes, que auxiliaram os estudantes na observação e identificação dos sentimentos. Na segunda intervenção, os alunos foram incentivados a reconhecer os padrões de linguagem que podem ser agressivos ou prejudiciais para um espaço empático, e na terceira intervenção, foi realizado um caminho do acolhimento, desenvolvido com base nas necessidades identificadas na intervenção anterior. Nesse sentido, para que o ambiente escolar possa agir como meio preventivo, ele precisa ser fundamentalmente humano e caloroso. A partir das intervenções, foi possível observar o quanto a comunicação violenta está disseminada no ambiente escolar, seja na relação aluno-professor ou no convívio da turma. Cabe destacar que esses espaços de diálogo fomentam o fortalecimento de vínculos e o aprimoramento de uma melhor convivência escolar.

Palavras-chave: Escola, Comunicação Não Violenta, Ensino público, Intervenção.

INTRODUÇÃO

A cultura da violência no Brasil, configura-se como um desafio significativo para educação brasileira, uma vez que, o ambiente escolar também é cenário de manifestações de agressões físicas, verbais e psicológicas. De acordo com Gaidargi (2019), “as violências nas escolas, são reflexos da sociedade e se tornam um assunto preocupante que afeta a comunidade escolar, as famílias e a sociedade como um todo. Logo, as escolas enfrentam vários desafios ao lidar com a violência, desde a prevenção e gestão de

¹ Professora orientadora: doutora em Psicologia, Faculdade Vidal, FV, heloisabarbara96@gmail.com

² Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Vidal - FV, claraarocha234@gmail.com

conflitos até o apoio emocional e psicológico aos estudantes. Além disso, a violência pode gerar um ciclo vicioso de retaliações e confrontos, impossibilitando a construção de um ambiente escolar seguro e acolhedor. Sendo assim, a constância da violência pode impactar, de modo negativo, o desempenho acadêmico dos alunos, gerando o aumento da evasão escolar. Na edição de 20 de julho de 2018 do jornal O Povo, do Ceará, foi abordada uma conexão entre a violência e a evasão escolar em Fortaleza. De acordo com especialistas entrevistados, a falta de suporte e de oportunidades, juntamente com a baixa autoestima, são fatores cruciais na evasão escolar. Além disso, conflitos entre os jovens também contribuem para o abandono dos estudos. Nesse contexto desafiador, é essencial adotar estratégias para lidar com a violência na escola, promovendo o diálogo, a empatia e o respeito mútuo por meio de apoio pedagógico.

Nesse contexto, a Comunicação Não Violenta (CNV), emerge como uma abordagem que visa conectar as pessoas e incentivá-las a expressarem-se de maneira clara, promovendo respeito, atenção e empatia. Resultando em um ambiente harmonioso. Para que o desenvolvimento da CNV ocorra, Rosenberg (2006) apresenta 4 elementos a serem desenvolvidos: I) observar sem avaliar, II) identificar e expressar os sentimentos; III) expressar as necessidades; e, IV) realizar o pedido. Rosenberg (2006) acrescenta que a CNV é uma forma de linguagem que estimula o desenvolvimento da nossa compaixão natural, fazendo com que as pessoas se conectem a si mesmas e aos outros. Nesse tipo de comunicação, portanto, é repensada a maneira como os indivíduos interagem, considerando os sentimento e desejos de cada um, contribuindo sumariamente, na prática, docente. À vista disso, este projeto teve como objetivo a construção de uma proposta interventiva que buscou investigar como prática da CNV pode contribuir para as melhorias das relações interpessoais entre os alunos na sala de aula e professores.

Aragão (2020), ressalta que a Comunicação não violenta (CNV), se caracteriza como um método empático e compassivo. Abordando os conflitos considerando observações, sentimentos, necessidades e pedidos adequados.

A implementação de uma intervenção em Comunicação Não Violenta (CNV) no ambiente escolar é fundamental para promover um ambiente seguro, saudável e acolhedor para todos os membros da comunidade escolar. Ao desenvolver habilidades de comunicação empática e resolução pacífica de conflitos, a CNV capacita alunos, professores e funcionários a construir relações positivas e colaborativas, reduzindo comportamentos agressivos, promovendo o desenvolvimento de habilidades socioemocionais essenciais, melhorando o desempenho acadêmico e preparando os

alunos para uma vida adulta responsável e harmoniosa. Essa abordagem não apenas contribui para um clima escolar positivo, mas também equipa os alunos com ferramentas essenciais para lidarem habitualmente em diversas situações da vida. Com o propósito de analisar o ambiente escolar e elaborar propostas de intervenções pautadas no método da Comunicação Não Violenta, aplicada na rede pública de ensino, visando proporcionar a melhoria das relações interpessoais, diminuir conflitos no espaço escolar e incentivar o crescimento das competências socioemocionais entre estudantes, educadores e demais integrantes da comunidade educacional.

METODOLOGIA

Trata-se de um projeto de pesquisa, de caráter qualitativo, vinculado à disciplina Projeto Extensionista I, realizado por Alissa Moreira Cândido, Cíntia Maria de Lima Santiago, Eduarda Lima Mendes, Maria Clara Rocha Machado e Maria Joseila Maia de Souza estudantes, do curso de Psicologia da FAVILI, sob a supervisão da docente Heloísa Bárbara Cunha Moizéis. A pesquisa ocorreu em uma escola da rede pública de ensino, na cidade de Limoeiro do Norte. O público-alvo são alunos, ao total 30, do 9º ano B, com idades entre 13 e 14 anos. A seleção da turma foi feita, por meio de uma conversa realizada com a diretoria da instituição e a disponibilidade das turmas para aplicação das futuras intervenções.

Este projeto constou de três momentos-chave: (1) a fase de observação da escola e do contexto de sala de aula, em que se pôde observar a presença de comportamentos verbais agressivos entre colegas de turma. A observação foi um procedimento adotado por “permitir o registro do comportamento em seu contexto temporal espacial” (ALVES-MAZZOTTI, 1999, p.164); (2) na fase das entrevistas semiestruturadas, foram realizadas perguntas, previamente estabelecidas. Participaram desse momento, 2 alunos e 1 professor da turma, coletando informações e dados que auxiliaram na construção das intervenções. A entrevista foi adotada como procedimento por permitir uma maior interação entre os pesquisando e pesquisados (ALVES-MAZZOTTI, 1999).

Além disso, os professores expressaram preocupação com a ausência de psicólogos na instituição para auxiliar na gestão da saúde mental do núcleo educacional, e por fim, (3) a fase das intervenções, em que foram realizadas atividades que tiveram o intuito de promover a CNV no contexto de sala de aula, as atividades interventivas foram realizadas em três encontros.

Com relação às intervenções, no primeiro encontro foram realizadas oficinas de cartazes, o objetivo da atividade foi elucidar do que se trata a CNV e como encontra-se inseridas nas relações sociais, principalmente no contexto escolar e auxiliar os alunos na compreensão das duas primeiras etapas da CNV, as quais são a observação e sentimento. No segundo encontro, consistiu em auxiliar os alunos a reconhecerem os padrões de linguagem que possam ser agressivos ou prejudicial para um espaço empático, bem como, identificar frases que consideram como uma melhor maneira de expressar sentimentos e ideias, promovendo uma comunicação mais construtiva. Para isso, os alunos utilizaram duas folhas de papéis, sendo solicitado aos mesmos que escrevessem em uma folha frases que consideravam pertencentes a uma linguagem violenta e em outra folha escrevessem frases, as quais consideravam pertencentes a uma comunicação não violenta. A terceira intervenção visou aplicar os terceiro e quarto passos do método da CNV, focando em necessidades e pedidos. A atividade ajudou os alunos a identificarem as necessidades relacionadas aos sentimentos despertados na intervenção anterior e a formular pedidos claros e específicos com base nessas necessidades.

Um "caminho do acolhimento" foi criado, onde os alunos escolhiam entre opções como um abraço, palavras de motivação ou expressar suas preocupações. A maioria da turma mostrou-se participativa e receptiva durante a intervenção, com *feedbacks* positivos como, “gostei da proposta tia! Quero ser a primeira tia!”. E manifestações de interesse em aplicar os conceitos aprendidos da Comunicação Não Violenta (CNV) em suas vidas diárias. Isso proporcionou satisfação à equipe e promoveu relações mais profundas e respeitadas entre os alunos. Os alunos não apenas absorveram conceitos e técnicas da CNV, mas também se comprometeram a aplicá-los em diversos contextos do dia a dia. Dessa forma, com os conhecimentos adquiridos, eles podem estabelecer relações mais profundas e respeitadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nos últimos anos, a educação não violenta tem emergido como um tema central nas discussões sobre práticas pedagógicas, visando estabelecer um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso. De acordo com Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999), as abordagens qualitativas nas ciências sociais são fundamentais, uma vez que permitem uma análise mais aprofundada de fenômenos como a violência nas escolas e suas repercussões, incluindo a evasão escolar. Assim, essas metodologias qualitativas

oferecem uma visão valiosa sobre as dinâmicas interpessoais, essenciais para a implementação eficaz de estratégias de educação não violenta. Um dos pontos centrais na discussão acerca da violência escolar é a sua conexão com a indisciplina. Nesse sentido, Garcia (1999) argumenta que a indisciplina não deve ser encarada apenas como um problema a ser solucionado, mas sim como uma oportunidade para reflexão e prevenção. Essa abordagem sugere que a educação deve priorizar um ambiente de diálogo, onde as questões relativas à indisciplina possam ser debatidas abertamente, em vez de serem resolvidas unicamente por meio de punições.

Além disso, a Comunicação Não-Violenta (CNV), conforme delineada por Rosenberg (2006), representa uma estratégia poderosa para transformar as relações interpessoais no ambiente escolar. A CNV não apenas promove a empatia e a compreensão, mas também cria um espaço propício para a resolução pacífica de conflitos. Ferreira (2019) expande essa ideia ao investigar como a CNV pode ser implementada como uma intervenção nas relações entre estudantes, favorecendo um ambiente em que todos se sintam seguros para expressar suas emoções e necessidades. Por outro lado, a pesquisa de Gaidargi (2019) ressalta a relevância de práticas educacionais dialógicas e não-violentas, sugerindo que a promoção do diálogo em sala de aula pode prevenir comportamentos agressivos e incentivar a empatia entre as crianças. Essa perspectiva é corroborada pelo depoimento de Aragão (2020), que enfatiza a importância da educação não violenta na criação de um ambiente escolar acolhedor, onde todos os alunos possam se desenvolver integralmente.

Adicionalmente, o estudo publicado no jornal O Povo (2018) analisa como a criminalidade pode impactar a evasão escolar, evidenciando que a violência afeta não apenas o desempenho acadêmico, mas também a permanência dos estudantes nas instituições de ensino. Essa análise ressalta a urgência de intervenções que promovam um clima escolar seguro e positivo, abordando as dinâmicas sociais que fomentam a violência. Dessa forma, a revisão da literatura aponta para a necessidade de uma abordagem integrada que incorpore práticas de comunicação não violenta e diálogo, visando não apenas à redução da violência, mas também à promoção de um ambiente escolar que favoreça o aprendizado e o desenvolvimento humano. Portanto, a educação não violenta deve ser considerada não apenas como uma resposta à indisciplina, mas

como uma proposta para transformar as relações interpessoais no contexto escolar, beneficiando, assim, toda a comunidade educativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das atividades desenvolvidas pôde-se analisar como a comunicação violenta encontra-se disseminada no ambiente escolar, principalmente na relação aluno-professor e no convívio de turma. Nesse contexto, foi notória a observação de intrigas, pequenas discussões e até mesmo *bullying* provocados por uma linguagem mais agressiva.

Em princípio, durante a primeira intervenção com a turma do 9ºano B, através de uma atividade com oficina de cartazes, notou-se o desconhecimento sobre a temática da CNV, tanto por alunos, quanto pelo professor. Sendo assim, algumas dificuldades foram identificadas no contexto de sala de aula, ao longo da primeira intervenção, como admitir o erro, reconhecer a responsabilidade com o sentimento do outro, interagir no momento da dinâmica e desinteresse em realizar as atividades propostas pela equipe.

Com a realização das entrevistas, de alunos e professor da mesma turma, foi possível reiterar os comportamentos e convívio de sala de aula presenciados, durante a oficina de cartazes. Um estudante do sexo masculino, 14 anos, afirma sobre o convívio na escola que: “Às vezes é equilibrado, mas às vezes foge muito do controle. Com intrigas, discussões, mas, nada ao extremo.” Já outra aluna do sexo feminino, 14 anos, ao ser realizada a mesma pergunta, declara que “às vezes é muito bagunçado, às vezes com brigas, de vez em quando. Mas é boa!”. No entanto, a presença da violência no espaço escolar não é uma demanda atual no contexto da instituição, um professor da escola ao ser entrevistado declara que:

As turmas de 9 série, podemos considerar boas turmas! Explicando, melhor quando entrei na instituição em 2009, a escola apresentava muitos problemas. Ou seja, havia muitas tensões, como violência, ameaças, sendo muito complicado. Desde então, formaram-se turmas de EJA, a estrutura do colégio mudou muito, com reformas e melhora do ambiente das salas. Apesar de ainda existir algumas adversidades.

(homem, professor, 47 anos).

No decorrer da segunda intervenção, com a atividade escrita no papel, diversas demandas dos alunos foram analisadas, sendo essas envolvendo o convívio familiar. Concluindo-se que os estudantes aproveitaram o espaço e oportunidade como uma maneira de desabafar sobre outras circunstâncias, a qual a comunicação violenta também emerge. Como, por exemplo, o relato de uma aluna, 14 anos: “Péssima filha! Faz nada direito! Você é a pior filha do mundo, só me decepçiona.”

Para a iniciar a discussão, é necessário um retorno a comportamentos de indisciplina, e desavenças, os quais se configuram como desafios observados no contexto da turma do 9º ano B. Transformando-se em um desafio para professores e direção pedagógica. Segundo Garcia (1999), precisamos repensar vários aspectos presentes na escola. Para o autor, o “ambiente escolar adequado, capaz de agir como um elemento preventivo, precisa ser fundamentalmente humano e caloroso – algo certamente difícil de praticar onde conflitos interpessoais já se instalaram” (GARCIA, 1999, p. 104).

Na última intervenção, foi elaborado um "caminho do acolhimento", no qual os alunos deveriam se dirigir às integrantes dispostas com plaquinhas escritas: "O que você precisa agora? Um abraço? Uma palavra de motivação? O que te incomoda?" Cada frase foi desenvolvida com base nas necessidades identificadas na intervenção anterior. O resultado dessa intervenção foi um espaço acolhedor onde os alunos podiam escolher o tipo de apoio que necessitavam naquele momento. A equipe apta a oferecer um abraço caloroso, palavras de motivação ou a oportunidade de desabafar sobre o que estava incomodando. Essa abordagem personalizada ajudou aos alunos identificarem suas necessidades e com base nelas formularem pedidos. Ferreira (2019), ao desenvolver o trabalho o uso da CNV como possibilidade de intervenção nas relações interpessoais entre os estudantes, relata nos resultados, circunstâncias similares com a da presente pesquisa desenvolvida. Afirmando que:

Conversei com a professora sobre a turma e perguntei sobre como os estudantes haviam se comportado após a 32 primeira mediação. Ela relatou sobre algumas dificuldades ainda enfrentadas, como a agitação, o excesso de brincadeira por parte de alguns e atitudes de desrespeito de outros. Disse que de modo geral conseguia perceber na classe um esforço para melhorar e de solicitar aos colegas que se lembrassem dos acordos feitos na conversa com a coordenação.

(FERREIRA, 2019, p. 32).

Posto isso, o objetivo central ao empregar a CNV nas intervenções é fomentar a sensibilidade em todos os participantes para reconhecerem suas contribuições no problema ou conflito em questão e assumam o papel de protagonistas na busca por soluções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, é relevante salientar que a pesquisa foi desenvolvida em conjunto com uma classe de alunos de 9º série, período em que o aluno vivencia todas as mudanças pessoais típicas da sua idade, bem como marca a transição de uma fase da vida e, mudança entre etapas de ensino. Enfim, cabe destacar que as intervenções realizadas foram fundamentais e necessárias para ressignificar essa mediação entre docentes e discentes e para compreensão das ópticas comportamentais de ambas as partes. Dessa maneira, auxiliando na forma como devem exprimir suas necessidades, pedidos e sentimentos, seja através da escuta ou diálogo. (Rosenberg, 2003). Portanto, o diálogo, juntamente com a escuta inseridos no contexto da CNV, se configurou como elementos primordiais para o fortalecimento do vínculo entre aluno e professor e para formação de um ambiente escolar mais empático e harmonioso. Desse modo, observa-se que, por meio da experiência de campo sugere-se que a utilização da CNV pode permitir à turma e aos educadores a criação e a construção em conjunto de estratégias voltadas para a prevenção de problemas dentro da sala de aula, resultando em um ambiente mais tranquilo que pode contribuir para o aprimoramento da aprendizagem e uma melhor convivência escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Thomson, 1999.

ARAGÃO, Milena Cristina. Depoimento [dez 2020]. Entrevistador(a). Pâmela da Rosa Martins. Palhoça: Instituto Federal de Santa Catarina, 2020. 1 arquivo. mp4 (1hr5min). **Entrevista concedida para a pesquisa sobre educação não violenta em sala de aula**. Não publicada.

ESPELHO da violência: a criminalidade como causa da evasão escolar. **O POVO Online**, Fortaleza, 20 jul. 2018. Disponível em: encurtador.com.br/bquQX. Acesso em: 10 maio. 2024.

GAIDARGI, Alessandra Maria Martins. **Educação infantil dialógica e não-violenta**. Dialogia, São Paulo, n. 33, p. 246-262, set./dez., 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13668>. Acesso em: 10 maio. 2024.

GARCIA, Joe. **Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. R. Paran. Desenv., Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.

FERREIRA, Luciana de Lima Oliveira. **O uso da comunicação não violenta como possibilidade de intervenção nas relações interpessoais entre os estudantes**. Belo Horizonte. 2019.